

Eucaristia, à luz de Natal



*25 Meditações cotidianas
preparando-se para Natal*

EUCARISTIA À LUZ DE NATAL

Preparando-se para Natal

Introdução

Estamos já na porta do Advento, o novo tempo e novo ano Litúrgico começando. E neste ano 2018 vamos nos concentrar na Eucaristia. Pois, no ano 2020 teremos a celebração do ano eucarístico seja a nível internacional que a nível nacional e todas as dioceses já começam a fazer seus preparativos ao longo deste ano 2019.

E teremos o 18º Congresso Eucarístico Nacional em **Olinda-Recife**, nos dias, **12 a 15 de Novembro de 2020** , Com o tema ‘**Pão em todas as mesas**’. Esta é a segunda vez que Recife irá sediar um Congresso Eucarístico Nacional. O primeiro foi em 1939, quando foi promovido o sétimo Congresso.

E a nível mundial, acontecerá em Budapest, (Hungria) celebrando o **52º Congresso Eucarístico Internacional, de 13 a 20 de setembro de 2020**. E o tema será “ **estão em ti todas as nossas fontes**” (Salmo 87). Lembremos que há anos atrás o Brasil também foi o lugar do congresso eucarístico internacional, e isso no ano de 1955 celebrando o Trigesimo Sexto (36º) Congresso Eucarístico em Rio de Janeiro. Estes Congressos mundiais acontecem em 4 e 4 anos e o último foi em Filippine, em janeiro de 2016.

Voltando para preparação ao Natal, queremos lembrar primeiramente os pensamentos de São Francisco: Ele via no presépio o mistério da eucaristia e na eucaristia o mistério do presépio. Para ele a celebração eucarística é a celebração cotidiana do natal. Pois ele

dizia que ‘assim como o Filho de Deus veio do seio do Padre no útero da Virgem Maria, ele se humilha diariamente na eucaristia, desce todos os dias do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote (Ad 1). Assim como os apóstolos viram na carne daquele filho, o Filho de Deus, assim nós, no Pão e no Vinho, enxergamos o Divino Filho.

Então neste contexto caminhemos e nos preparamos este Tempo forte, o Tempo de Advento. **São 25 meditações uma para cada dia e assim contemplaremos parte por parte da Santa Missa diante do mistério do Natal**, em maneira que as nossas celebrações cotidianas sejam com maior fervor e entusiasmo.

Seria um entender a Eucaristia da escola do Presépio, da escola do mistério da Encarnação. E nesta nossa caminhada eucarística seremos acompanhados pelos **dois primeiros capítulos do Evangelho de São Lucas**, chamado “o Evangelho de Infancia”, onde narram os acontecimentos do nascimento e infância de Jesus. E acrescentaremos **os dois capítulos do Evangelho de Mateus** para completar os episódios natalinos.

E assim possamos reviver em cada celebração eucarística o mistério de natal, assumindo também em nós as atitudes alegres e entusiastas daquelas personagens ao redor do presépio, ao redor do evento de Nascimento de Jesus e da sua infancia. Durante este período o palpito do nosso respiro, em forma de ijaculatório, será: **estão em ti todas as nossas fontes”**.

1. Templo de Jerusalém “estéril e mudo” e Novo Templo, Igreja, lugar da celebração.

Quando falamos da Eucaristia, pensamos logo na Igreja e no sacerdote. Sem sacerdote não temos a Eucaristia e sem Igreja não

temos os sacerdotes. Já no Antigo Testamento existiam os sacerdotes, o Templo, e as oferendas. Mas com a chegada de Jesus, Ele será o novo Templo, o novo sacerdote e a nova oferenda e tudo o que era antigo já não tem mais valor. Pois, logo vai cessar tudo!

Veja o que acontece com o sacerdote Zacarias, que é a primeira narração com que abre o Evangelho de São Lucas. Ele estava no Templo, num lugar chamado ‘Santo dos Santos’, que seria como o altar das nossas Igrejas, e lá estava oferecendo a Deus os perfumes de incenso. Ainda que ele era sacerdote e oferecia o sacrifício, ele era estéril, não tinha filhos. E vai sair do Templo como homem “mudo”! Esta esterilidade e este silêncio de Zacarias para 9 meses, até quando nascer o filho João Batista, é importante para nós entendermos melhor o significado de um novo Templo, de um novo Sacerdote e de um novo Sacrifício.

Sabemos que quando foi escrito o evangelho de São Lucas nos anos 80 a.C, o Templo de Jerusalém era já destruída. Na verdade, até o Evangelho de hoje nos traz este momento histórico de Israel: Quando foi destruído o Templo de Jerusalém (no ano 70 d.C), o povo de Israel disperso por quatro canto do mundo e os cristãos perseguidos sob poderio dos romanos, todos pensavam que era o fim do Tempo e anunciavam que Jesus está chegando. Por isso no evangelho de hoje agente vê as expressões apocalípticas como “Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra, as nações ficarão angustiadas, com pavor do barulho do mar e das ondas. Os homens vão desmaiar de medo, só em pensar no que vai acontecer ao mundo” etc. Foi muito terrível este tempo histórico. Mas depois entenderam que o Novo Tempo é Tempo da Igreja, tempo de Jesus, tempo do Espirito Santo.

E neste contexto podemos entender melhor o porque são Lucas abre e fecha o seu Evangelho mencionando o Templo de Jerusalém. Falamos já, que o Evangelho inicia com episódio de Zacarias no Templo de Jerusalém e ao final do Evangelho, após que Jesus subiu ao céu, os apóstolos voltaram para Jerusalém e estavam no Templo louvando a Deus. Mas, no início dos Atos dos Apóstolos, o mesmo autor coloca os Apóstolos, não mais no Templo, mas no cenáculo, onde Jesus fez a última ceia e instituiu a Eucaristia, onde Jesus recomendou de celebrar a Eucaristia todas as vezes que se reúnem, e lá que o Espírito Santo desce sobre os Apóstolos e Maria Santíssima, inaugurando o tempo da Igreja. Exatamente porque não tem mais sentido para eles permanecerem no Templo de Jerusalém. Ao lugar do sangue do Cordeiro que cada dia derramava no Templo de Jerusalém agora vai ser substituído o sangue de Cristo e isso uma vez para sempre. Ao lugar de tantos sacerdotes que estavam na fila esperando cair a sorte para entrar no santuário agora tem um só sacerdote, Jesus, que uma vez para sempre entrou no santuário e nós todos estamos usufruindo deste sacrifício em cada eucaristia. Jesus mesmo é o Templo, o sacerdote e a vítima.

É necessário silenciar o Antigo para nascer o Novo. O Antigo se era estéril, o novo será fecundo. Jesus ensinou aos apóstolos: “Fazei isto em minha memória”. Assim a esterilidade e o silêncio abre para fecundidade e para celebridade. Para nós cristãos não é necessário um Templo, uma Igreja para celebrar a Eucaristia, basta que estejam os fieis reunidos, já somos a Igreja. Por isso mesmo podemos dizer olhando para este grande mistério que é a eucaristia: “Estão em ti todas as nossas Fontes”.

2. Como é possível? O Espírito Santo descera sobre ti!

A assembléia cristã com seu rosto variado.

Ontem falamos como Deus foi preprando o novo templo, a Igreja, o novo sacerdote e hoje vamos falar **da comunidade cristã reunida ao redor da Eucaristia.**

Após o anuncio do nascimento de João Batista São Lucas narra, no primeiro capítulo do Evangelho de São Lucas, do anúncio do Arcanjo Gabriel à Maria Santissima dizendo-lhe que ela seria a Mãe de Deus. E ela lhe pergunta: Como seria possível isso e o anjo lhe responde: “**Descerá sobre ti o Espírito Santo.** E a sombra do Altissimo se estenderá sobre ti”. Maria se tornou a Mãe de Jesus, Maria acolheu Jesus no seu ventre pelo Espírito Santo.

Igual aconteceu no **inicio da Igreja, no cenáculo**, desceu o Espírito Santo sobre os Apóstolos, e nasceu a Igreja.

Assim acontece **no dia da Ordenação do Sacerdote:** O Bispo, representante dos Apóstolos, invoca o Espírito Santo sobre a pessoa eleita e pela imposição das mãos ele vem se consagrado e ele a sua vez invocando sobre o Pão e o vinho eles se transformam em corpo e o sangue de Cristo.

Assim também **acontece com cada batizado** e com a assembléia reunida. No dia do batismo foi invocado sobre nós o Espírito Santo e fomos consagrados e assim fizemos parte da assembléia cristã e assim podemos agora estar reunido ao redor do altar para celebrar a Eucaristia.

E agora vamos ver a característica desta assembléia: As pessoas reunidas aí ao redor do altar são diferentes.

Tinham muitas pessoas que transitaram ao redor do presépio. Entre eles tinham os pobres e os ricos, tinham aí os pastores que eram fedorentos e sujos e também os reis magos com cheiro de ouro e incenso. Estavam aí os silenciosos como Maria e José que se recolheram meditando as maravilhas de Deus e estavam também os que cantavam, anunciavam e publicavam, como Isabel, os vizinhos, os anjos e os pastores. Uma variedade de personagens, cada um com sua particularidade.

Assim também a nossa assembleia eucarística. Tem uma variedade de pessoas, de todo o tipo, ao redor de nós, ao redor do altar. Aquelas agradáveis e aquelas menos agradáveis. É assim a Casa do Senhor: Tem santos e pecadores, tem irmãos que exalam os perfumes de santidade e tem sujos que vivem no lixo e fazem nos tampar o nariz. E ele acolhe a todos. Se agente prestar atenção na primeira leitura de amanhã, a Palavra de Deus vai nos confirmar isso: O lobo e o cordeiro viverão juntos, e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito; o bezerro e o leão comerão juntos e até mesmo uma criança poderá tangê-los...”. O que significa tudo isso? Quando tem Jesus no nosso meio, o lobo continuará sendo lobo e o cordeiro continuará sendo cordeiro, mas os dois vão conseguir viver juntos em paz, um sabe acolher outro na sua diferencia, na sua particularidade. É o caráter do tempo messiânico. Se olharmos para nossas famílias, como somos diferentes, aliás nós mesmo um dia somos os cordeiros e outro dia somos os lobos. Um dia somos santos e outro dia somos insuportáveis. O importante é procurar Jesus, acolhê-lo na nossa casa independente quem somos nós.

Neste sentido entendemos melhor porque na Igreja não temos bancos particulares, qualquer um pode sentar em qualquer lugar e, antes da Comunhão, na hora de dar a paz, dá a mão àquele que

estiver ao seu lado independente ele seja pobre ou rico, santo ou pecador.

E Jesus vai louvar ao Pai contemplando este grande mistério no evangelho de amanhã: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado”. ‘Pois estão em ti todas as nossas fontes’.

3. Em nome do Pai...

Nestes dois dias passados falamos do Templo, da Igreja, do sacerdote, da Assembléia reunida ao redor da Eucaristia. Hoje vamos começar com “Em nome do Pai”. A Missa (como todas as nossas orações) começam invocando a Santíssima Trindade. *Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo*. E logo o sacerdote deseja para a assembléia as três graças que provem de cada pessoa da Santíssima Trindade: a *graça e a paz* de Jesus Cristo, *o amor* do Pai e a *comunhão* do Espírito Santo estejam convosco. E a assembleia responde com “Amém”.

O ícone, o modelo, da Assembleia é a Santíssima Trindade. Todos nós fomos batizados e inseridos na comunidade cristã em nome do Pai, e em nome do Filho e em nome do Espírito Santo e seremos sepultados também em nome desta Santíssima Trindade.

E é bom agente lembrar aqui que, todas as nossas orações, são elevadas **ao Pai, pelo Filho em comunhão do Espírito Santo**. A oração na eucaristia nunca é dirigida ao Deus Filho, mas a Deus Pai, sempre ao Pai. Por isso todas as orações, a coleta, o prefácio, a liturgia eucarística, a oração após a comunhão e assim todas as orações na Liturgia são dirigidas a Deus Pai: começa invocando *o*

Deus Pai, depois fala o motivo da oração e depois termina dizendo: “*Por nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo*”. E esta invocação da Santíssima Trindade termina com a grande **doxologia final**: “*Por Cristo com Cristo e em Cristo, a Vós Deus Pai, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre*”. E toda a assembleia proclama a voz alta o “Amém”. Ou seja, nós cremos. È a renovação da Promessa batismal. Diz que na Igreja primitiva, quando a assembleia prorompia este Amém, até as paredes se vibravam.

Agora vamos para o mistério de Natal: Na anunciação, assim como na criação e no dia de Pentecostes, estavam presentes as três pessoas da Santíssima Trindade. Quando Maria pergunta: como é possível, eu não conheço homem, o anjo responde: “ O Altíssimo estenderá sombra sobre ti (que é o Deus Pai), o Espírito Santo descerá sobre ti. Deus Pai e Deus Espírito Santo juntos presentes para o Deus Filho assumir a nossa condição humana e nascer no útero da Virgem Maria. E Jesus, na última ceia, falando as coisas que vão acontecer após sua morte, diz aos seus Apóstolos: “Eu vou ao meu Pai, Ele enviará o Espírito Santo sobre vocês e, ele vos lembrará tudo o que eu vos ensinei” (Jo). Sempre o Pai, o Filho e o Espírito Santo juntos e unidos.

E na saudação quando sacerdote diz: **o Senhor esteja convosco**, a assembleia responde: *Ele está no meio de nós*. Como é o nome de Jesus anunciado pelo anjo a José? **O Emanuel, Deus-conoco**. Então já no início da Missa, após reconhecer a presença da santíssima Trindade reconheçamos a presença de Emanuel, o mistério de Cristo, o Emanuel no meio de nós, anunciado pelo anjo.

È grande o mistério, além da nossa compreensão. Só pela graça, pela graça que vem do alto, podemos compreender e acolher

alguma coisa. “Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado”. Assim fala Jesus, no Evangelho de hoje. Grande mistério e estão em ti todas as nossas fontes”.

4. Ato penitencial/Heródes

Após a invocação da Santíssima Trindade, temos como primeiro momento da Eucaristia, o Ato penitencial. Reconhecer, diante do amor e comunhão de Deus Uno e Trino, que somos pecadores e agora temos a possibilidade de arrependermos e voltarmos ao Deus Pai. É um momento em que revivamos a graça do nosso Batismo. E no Ato Penitencial reconhecemos os nossos pecados por pensamentos, palavras, atos e omissões. Na verdade, em cada pecado acontece progressivamente estes quatros momentos: O pecado primeiro vem concebido, meditado e organizado e depois que dá a luz, pelas obras.

Vocês vos lembrem o que Deus falou a **Caim** quando ele estava ainda pensando no coração contra seu irmão com olhares abatidos: “Porque andas com rosto abatido, o pecado está na porta espreitando-te, mas tu podes dominá-lo”. Caim não escutou a voz de Deus, seguiu seu coração, planejou dentro de si como matar o irmão, chamou ele para o campo na aparência de amizade e o matou (Gen 4).

Olha o que fez **Heródes** quando soube dos reis magos que nasceu o rei de Judá: primeiro mandou eles recomendando: ao voltar passam por aqui, pois eu também quero adorá-lo. Na verdade dentro de seu coração já estava erguendo o planejamento de matar Jesus. Quando entendeu que os reis magos voltaram por outro caminho, ele resolveu de matar todas as crianças debaixo de dois anos (Mt 12,13-18), fazendo o cálculo da vinda dos magos.

Deus disse a Caim: “o pecado está na porta, espreitando-te, mas tu podes dominá-lo”(Gen 4); Os magos avisaram a Herodes, “nasceu o rei dos judeus, viemos adorá-lo, ele merece a nossa adoração! Mas, aquelas vozes no coração de Herodes, produziram fazer outros planejamentos.

Todo mal tem uma aparência do bem. Assim como a serpente falou à Adamo e Eva: “Não, vocês podem comer, se vocês comam, vão tornar-se como deus”. Herodes fala aos magos: “ao encontrar o rei dos judeus, passam por aqui, eu também quero adorá-lo”. Tem a aparência do bem mas atrás existe um grande planejamento do mal. Não é assim nas nossas vidas também? Por isso o Salmista diz: “o ímpio gera a iniquidade, concebe a maldade e dá à luz a mentira”.

Salmo 7.

Ao contrário, olha qual é o procedimento do homem justo, José, diante da tentação de deixar Maria *segretamente* (Mt 1,19-20): à voz do anjo, que é na verdade é a voz da própria consciência, José abandona o seu pensamento nascosto e prossegue como o anjo lhe falou. Ele sabe que na voz da sua consciência, está Deus e seus planos, ainda que não o compreendamos logo e sempre. “Estão em ti todas as nossas fontes”.

5. Glória

Após o Ato penitencial, que falamos ontem, temos como parte da Missa o canto de Glória. É aquele canto que os anjos cantaram no anúncio de um anjo aos pastores, avisando-lhes que nasceu o Salvador (Lc 2,9-14). O anjo que anuncia, é Gabriel, e uma multidão dos anjos cantam o hino de glória. Desde início da Igreja podemos ver que os cristãos louvavam a Deus quando se reuniram em Assembléia, assim como nos atesta o livro de Atos dos Apóstolos (At 2, 47). O Glória é um hino natalino que cantamos todos os dias nas

nossas Missas. Quando Jesus está no meio de nós, Glória a Deus e Paz aos homens. A paz é o grande dom da presença de Deus. Quantas vezes falamos, ao perceber a presença de Deus em algum lugar, nas pessoas, em alguns ambientes: *Oh que paz, aqui está Deus.*

Assim como no nascimento, no fim da sua vida terrena também, quando Jesus entrou em Jerusalém, antes de iniciar a sua Paixão, ele foi acolhido pelos louvores do seu Povo, como podemos ouvir no Evangelho de hoje: esta vez, não mais pelos anjos, mas pelo Povo de Deus, todos juntos aclamavam *“bendito é aquele que vem vindo em nome do Senhor”*. Aonde tem Jesus, tem a Paz e a alegria. Pois Jesus é a Paz, Jesus é a Alegria. Hoje, quinta feira, dia da adoração eucarística em muitos lugares; vamos lembrar e meditar, ruminar diante do Santíssimo Sacramento este hino de Glória e, se for possível, pega o hino de gloria que tem atrás da Bíblia (tem na edição de Ave Maria) e reza sozinho, medita cada palavra, pois quando agente canta assim na assembleia, tem o perigo de fugir da nossa atenção a profundidade de cada palavra. Um dos belíssimos hinos à Santíssima Trindade. Louvor e glória à cada pessoa da santíssima Trindade pelo que cada uma é. Assim cantando e rezando várias vezes durante o dia de hoje, o hino de Glória seja o respiro da nossa alma. Pois, “Estão em ti todas as nossas fontes”.

6. Coleta

Após o Glória temos como parte da Missa a oração do sacerdote chamada **“coleta”**. O que é a coleta? Provem da palavra latim, **colliga** significa, recolher. Ou seja, na Missa, após o gloria, após alguns segundos de silêncio, o sacerdote recolhe todas as intenções lidas ao inicio da Missa, todas as intenções que estão no coração de cada fiel presente na assembleia e, eleva a Deus Pai, por

Cristo. É a oferta do coração, é a oferta da comunidade, é a oferenda da humanidade.

No livro dos Levíticos, podemos ver que no dia da Expição, na festa chamada Kipur, o papel do sacerdote era exatamente o de recolher as orações do povo e oferecer a Deus através de uma nuvem de incenso aromático no altar, diante do Santo dos Santos (Lev. 16,12; Ex 30,6-8) E exatamente o que Zacarias estava fazendo quando apareceu o anjo (Lc 1, 8-10).

E no livro do Apocalipse podemos ver que já desde início da Igreja existia este sentimento entre o Povo: quando a assembleia reza, o anjo recolhe as nossas orações. E por isso em todas as igrejas, especialmente naquelas de Idade média, podemos ver as pinturas e as arquiteturas expressando, através a arte, esta presença do anjo que recolhe as orações e eleva a Deus Pai em perfume de incenso.

Pela nossa fé, nós cremos na presença dos anjos: Se olhamos todo episódio natalino tem uma continua presença dos anjos. Além de Maria, José e Zacarias que foram visitados por anjo, os magos tiveram a visita dos anjos, os pastores tiveram a visita dos anjos; os apóstolos, na Igreja primitiva, tiveram a continua visita dos anjos. Lembremos aqui as palavras do anjo Rafael a Tobias e família ao se revelar no fim da sua caminhada: “Quando tu e Sarás fazíeis oração, era eu quem apresentava vossas súplicas diante da glória do Senhor e as interpretava” (Tb 12). Em cada celebração eucarística os anjos estão presentes. Os anjos nos acompanham, eles elevam a Deus as nossas preces e as de nossos sacerdotes que a sua vez elevam as nossas, em perfume de incenso. Diante dos nossos olhos são coisas invisíveis, mas pela fé, pelos olhos espirituais, podemos enxergar tudo isso. Por isso na primeira leitura de hoje o profeta Isaias anuncia falando do tempo messiânico: *“naqueles dias os surdos ouvirão as*

palavras do livro e os olhos dos cegos verão no meio das trevas e das sombras. Precisa Jesus tocar nos nossos olhos para enxergarmos a presença dele até no meio das nuvens dos incensos. É grande este mistério, está em ti todas as nossas fontes.

7. Leituras e homilia (8 de dezembro)

Hoje vamos passar para **a Liturgia da Palavra**: Nos domingos e dias de solenidades temos as duas leituras, uma do Antigo Testamento e uma do Novo Testamento, além do Salmo e do Evangelho. E nas semanas temos uma leitura, salmo e a proclamação do Evangelho, segundo o Ano Litúrgico dividido como ano par e ímpar e nos domingos Ano A, B e C.

Porque façamos as leituras? As leituras da Sagrada Escritura nos trazem em memória as maravilhas que Deus fez na nossa história e nos diz que Ele é o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, ele é o senhor da história. Aquele que acompanhou o povo de Israel, aquele que acompanhou os apóstolos na Igreja primitiva, continua acompanhando nós também. Ele, o Emanuel, está no meio de nós, assim como proclamamos no início da Missa e repetimos antes da Proclamação do Evangelho.

Olha o que disseram Maria e Zacarias nos seus cânticos: Diante da presença de Deus, diante do intervindo de Deus, os dois cantam as maravilhas que Deus já fez na vida dos seus antepassados. Os três cânticos, o magnificat de Maria, os benedictus de Zacarias e o Nunc dimittis, deixai Senhor o teu Servo de Simeão, são Palavras de Deus do Antigo Testamento, relembram toda a história de Israel e as promessas que Deus fez no passado, à Abraão, à família da casa de Davi, aos nossos pais.

Então as leituras, proclamação do Evangelho e a homilia feita pelo sacerdote é um conjunto de momento litúrgico em que de um lado, relembramos as maravilhas que Deus fez na nossa história, na vida dos nossos antepassados, e do outro lado seja as cartas que o Evangelho nos exortam que Deus continua agindo no meio de nós.

E é bom lembrarmos que ao proclamar o Evangelho, seja o sacerdote que a assembleia fazem **o sinal da cruz, na frente, nos lábios e no peito**, pedindo que a Palavra de Deus possa vir em nosso auxílio para administrar, conduzir os nossos pensamentos, palavras e intenções. É o mesmo gesto batismal. Fomos ungidos pelos cinco sentidos. E o sacerdote diz: **O Senhor esteja convosco** e nós respondemos **ele está no meio de nós**. Mais uma vez proclamamos *a presença real* de Jesus na hora da Proclamação do Evangelho. É Jesus mesmo que proclama pela boca do Sacerdote ou Diácono.

E a proclamação da Palavra vem feita no **ambão**, na mesa da Palavra que indica o trono de Deus, a cátedra de Deus, ou seja, o ensino daqui feito é autêntico, não são palavras de qualquer um feito em qualquer lugar, mas **é a Palavra do Senhor** proclamado com *autoridade* e com *autenticidade*. A Palavra de Deus não é vazia, não é palavra do homem, mas fecunda, capaz de produzir e multiplicar o que foi pronunciado, assim como foi pronunciado no dia da criação: “Deus disse e foi feito” (Gen 1). E o que foi feito, contem em si, sementes de fecundidade, sementes para multiplicar e produzir fruto geração por geração. Por isso mesmo a Palavra de Deus é eterna.

E hoje celebramos dentro do tempo de Advento a solenidade da Imaculada Conceição. Maria é aquela que acolheu a Palavra no seu coração primeiro e depois no seu Corpo. A palavra se fez carne em Maria. A Palavra se fecundou nela e ela gerou o Filho de Deus.

A solenidade de hoje nos faz lembrar também que aonde abundou o pecado superabundou a graça por meio da Imaculada Conceição de Maria. Toda graça que recebemos pelo batismo Maria Santíssima já recebeu no primeiro instante da sua vida no ventre de Sant'Ana, sua mãe e, isso em previsão dos méritos de Cristo. Aquela que deveria se tornar a mãe de Deus deveria ser isento de todo o pecado. Ela é cheia de graça! Deus quis assim e assim foi o agrado de Deus Pai

E nós também na medida em que acolhamos a Palavra de Deus, nos purificamos e nos tornamos *cheia de graça*. Grande mistério. Estão em todas as nossas fontes.

8. (domingo): Dia do Senhor / dia do sol/ Domingo. Credo:

Nesta segunda semana continuaremos, a nossa caminhada eucarística preparando-nos para o Natal. Mas como título desta semana, vamos dar o tema do Ano Eucarístico da nossa diocese de Camaçari que dom Petrini deu início no dia 25 de novembro, com a festa do Cristo Rei, com o tema: “Caminhamos na estrada de Jesus”.

Hoje, domingo, dia do sol, dia do Senhor. Espero que todos vocês sabem como chegou este nome. Se alguém não lembrar resumo em poucas palavras: Embora no Brasil os nomes dos dias contam como segunda feira, terça feira etc. segundo o calendário romano, cada dia da semana é em nome de um dos astros. O primeiro dia da semana é em nome do astro maior que é o sol. Por isso dia do sol. E o segundo dia em nome da Lua, assim vem lunedì, Marte/martedi (terça); Mercúrio/mercoledì (quarta); Júpiter/giovedì (quinta) e Vênus/venerdì (sexta-feira) e Saturno/sábado .

E os ingleses adotaram a partir do século v, mudando estes nomes de acordo com os deuses anglo-saxões: assim com Marte foi substituído por Tiw, *deus da guerra*, dando origem a Tuesday; Mercúrio por Woden, *deus da poesia*: wednesday; Júpiter por Thor, *deus do trovão*: thursday; e Vênus por Friga, *deusa do amor*: friday.

Bem. Para nós o importante é o primeiro dia, dia do sol. Os cristãos primitivos aplicaram este dia para Jesus, o Senhor, dia em que ele ressuscitou, avançou as portas das trevas e troxe à luz todos os que estavam no vale dos mortos. Assim chegou o dia do sol, dia do Senhor e, em todos os hinos do primeiro século podemos ver a invocação de Jesus com título de Sol. Até nos cantos natalinos cantamos: o Astro do céu, o sol nascente, ou simplesmente o Sol. Jesus era o Sol que iluminava os cristãos no meio das trevas e por isso não tiveram medo nem hesitação de chama-lo o Sol, com maiúsculo.

E agora voltando para textos natalinos, **Zacarias canta: “o Sol, o Astro, veio nos visitar**, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, para guiar os nossos passos no caminho da paz.” Lc 1,79.

É interessante agente ver como é a narração da criação no cap. 1 de Geneses: no primeiro dia Deus cria a luz e no quarto dia que cria o sol e a luz. Automaticamene vem a pergunta: De onde então vem a luz? Sabemos que são textos narrados segundo um sentido teológico e não no sentido geográfico ou científico. O Filho de Deus é o Astro que ilumina todos é eterno, Nele tudo foi criado e nele tudo foi redimido e, o sol vem depois.

E os três reis magos vieram do Oriente até Jesus, vendo um Astro. Os pastores, no meio da noite foram iluminados pelo grande Sol. De onde vem o sol a meia noite? Pensaram que já tinha

amanhecido e levantaram e foram procurar o Menino Jesus segundo o anuncio do anjo. José e Maria a noite se levantaram e foram para Egito, pois a noite tinha transformado em dia pela presença de Jesus, o Emanuel, o Astro do Céu, o párgol divin.

Ou seja, já no nascimento, Jesus é o Sol, o dia dele chama-se o dia do Sol, dia do Senhor.

Domingo é para nós cristãos também é dia em que rezamos o Credo na celebração eucaristica. Com toda a assembleia cristã do mundo inteiro, do nascente ao poente, como diz na primeira leitura de hoje, todos juntos professamos a nossa fé. No credo está contido todos os ensinamentos dos Apóstolos transmitidos geração por geração chegando até a nós. E a nossa vez transmitiremos aos nossos filhos. Professando o credo confirmamos a nossa fé em Jesus, o Astro do céu. E em seguida, fazamos a oração universal, a oração dos fieis, lembrando da nossa comunhão, pelo batismo, com os demais membros do nosso Corpo.

Para nós cristãos, por isso mesmo, o domingo é dia do Senhor, é dia de prescrição, dia em que devemos nos santificar pela Palavra e pela Eucaristia, é dia em que devemos nos repousar e contemplar as atividades realizadas durante a semana, além de dedicarmos na caridade e em fim, através a adoração eucarística, já aqui na terra, antecipamos a experiência do *oitavo dia*, que é a eternidade, contemplando ele face a face, no amor eterno. Por isso “Caminhamos na estrada de Jesus”.

9. ofertório

Vamos nesta manhã passar para a segunda parte da Missa chamada a Liturgia Eucaristica, permanecendo em cada gesto e palavra do ofertório da Missa:

Pimeiro temos a procissão das oferendas, os fiéis trazem o pão e o vinho, elementos da natureza que Jesus mesmo usou na última ceia e estes se transformam em Corpo e Sangue de Cristo, conforme as palavras de Jesus na última ceia.

E além disso, os fiéis desde primeiro século traziam **também outras oferendas** - fruto do seu trabalho no início, e depois, com tempo, em dinheiro-, para ajudar os pobres e as necessidades da Igreja.

Vamos para o presépio: **Maria, José e Jesus eram pobres**. Viveram com as ofertas que receberam dos pastores, dos magos e dos que foram visitar. Nem tinham um lugar onde nascer Jesus (Lc 2,7). Até o curral, a manjedora, era emprestado(Lc 2,16). Diante desta pobreza, podemos ver uma fila de personagens em procissão com as oferendas: De primeira vista encontramos **os pastores, os vizinhos e os reis magos do oriente** (Mt1,11) com as oferendas.

O pão e o vinho nas nossas Missas também são oferendas pobres, comparando de tantos bens que temos. Ainda que sejam pobres, estamos levando, para que, Deus os transforme em Corpo e Sangue de Cristo. Parece que, para Deus é necessário a nossa oferenda, como se Ele dependesse de nós. Exatamente sim: É verdade que tudo é dele, assim como diz o Salmo: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela encerra” Sl 24. Ele nos deu tudo e, o que damos para ele também é dele, e nós mesmo pertencemos a Ele. Ainda assim, pela humildade de Deus ele depende de nós, da nossa generosidade. Por isso Santo agostinho dizia: “Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti”.

Mas no mistério de Natal tem uma **oferenda maior: o sim de Maria e o corpo/ a carne de Maria** dada para Jesus. Dizia Santo Antonio de Pádua numa sua pregação: “O Pai deu a Jesus a

majestade, a Mãe deu-lhe a fragilidade, O Pai deu a divindade, a Mãe deu a humanidade¹”. Maria se tornou assim o primeiro sacramento: Maria deu sua carne e seu sangue para formar Jesus. Ou seja, o corpo de Maria se tornou o Corpo de Cristo, o sangue dela se transformou em Sangue de Cristo no mistério da Encarnação. Por isso São Francisco disse: “Assim como Ele veio no útero de Maria, cada dia ele vem no altar pelas mãos do sacerdote” (Ad 1). A matéria prima lá era a carne de Maria e aqui o pão e vinho oferecido por nós.

Assim o útero de Maria, acolheu o Divino, agora a Igreja acolhe Jesus pelo Espírito Santo. **A mistura da água no vinho** simboliza exatamente a união da natureza humana com a divina. Nós (água), na Missa, nos unimos a Cristo (vinho) para formar um só Corpo com Ele.

E a oração sobre as oferendas tem uma característica única: é a mesma oração que os judeus usavam e usam ainda antes das refeições. **Bendito sejas Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos”**.

De fato, **o pão é o símbolo de toda a criação**. O grande filósofo Pitágoras, já no 5º século a.C dizia: “o universo começa com o pão”. No pão o homem reconhece os elementos fundamentais do mundo: a *terra* que recebe a semente e faz crescer o grão, a *agua* impastada com a farinha, o *fogo* e o *ar* para cozinhar o pão. **O pão é o símbolo da vida**. Aonde não tem pão tem miséria, é sem vida. É dignidade dos filhos, reconhecer diante do Pai, pelos dons que Ele nos deu para o nosso sustento. Por isso rezamos: Bendito sejas Senhor, Deus do universo pelo pão que recebemos.

¹ Teologia Franciscana.

O vinho, ao contrário, não é elemento principal da sobrevivência, mas é símbolo da alegria, da gratuidade, é símbolo da alegria da convivência humana. E o pão e o vinho trazemos ao altar junto e nunca separados. O pão tem seu sabor quando é partilhado com os outros, quando tem a convivência humana, quando tem a alegria fraterna. É belo quando o salmista canta: “Ele dá o Pão a toda carne, porque o seu amor é para sempre”. Sl 136.

E o pão e o vinho são fruto do trabalho humano: os dois para chegar até à mesa, atrás tem bastante trabalho, fadiga e sabedoria humana. Por isso no ofertório bendizemos o Senhor pelos seus dons e bendizemos o homem pelo seu trabalho.

Maria e José juntos enfrentaram todo desafio, ao redor do nascimento de Jesus: esmolar casa por casa procurando um lugar para dar à luz o filho, a pobreza, a fuga para o Egito, a vida escondida, a vida sem casa, acordar a noite, a viagem perigosa da noite. Em tudo estavam juntos. Jesus é do Pai, mas também é o fruto do trabalho de Maria e José.

E em fim, nas celebrações solenes, após as oferendas tem o **incenso**. Como falamos já nos dias anteriores, os anjos elevam a Deus as nossas preces como perfume de incenso (Sl).

É significativo quando o sacerdote incensa primeiro **três vezes** sobre o Pão e o vinho lembrando da Santíssima Trindade e depois **duas vezes** lembrando da divindade e humanidade de Cristo. E em seguida incensa o altar e ao seu redor. Pois daqui a pouco vai acontecer a grande consagração. Agora ele, o sacerdote, vai assumir o papel de Jesus na última ceia e por isso ele mesmo vem incensado pelos acólitos e em seguida toda a assembleia, pois todos nós ao redor do altar somos o mesmo Corpo de Cristo, assumindo o papel do sacerdote. Lembremos que na missa o padre age “in persona Christi”,

ou seja, em lugar da pessoa de Cristo. É como se Jesus estivesse pessoalmente presidindo a Celebração.

E concluindo o rito do ofertório, o sacerdote **lava as mãos**: Pilatos, lavou as mãos não querendo assumir a culpa. Jesus aqui lava as mãos assumindo sobre si todas as culpas do mundo inteiro, e o sacerdote para entrar neste mistério lava as mãos pedindo a graça da purificação. Ele diz a voz baixa: Lavai-me, Senhor, das minhas faltas e purificai-me do meu pecado.” (Sl 50,4). É o ritual da purificação que Maria e José fizeram após 40 dias do nascimento do Menino indo para Templo de Jerusalém oferecendo o menino à disposição dos outros. E o Sacerdote já ofereceu o pão e o vinho, a oferenda feita em nome de todos e para todos.

10. Prefácio

Hoje vamos falar a primeira oração depois da Oração das Oferendas chamada o Prefácio. Com o Prefácio começa a grande oração eucarística que conclui com a dossologia final: Por Cristo com Cristo.

O Prefacio começa com a exortação do sacerdote ao povo: **“O Senhor esteja convosco”** e a assembleia responde: *“Ele está no meio de nós”*. Na verdade, aqui já pela terceira vez que diz: já teve no início, no Evangelho e agora aqui. E o sacerdote exorta: **“Corações ao alto”** e a assembleia responde: *O nosso coração está em Deus. E* depois fala do motivo, do tema específico de ação de graças. E em cada período litúrgico, ou em cada solenidade tem o prefácio próprio, exatamente porque lembra do que estamos celebrando. É o coração do mistério celebrado do dia e conclui com a aclamação do Santo.

Vamos agora para o Natal: Olha no encontro entre Maria e Isabel: o que é que falam? As duas falam e cantam das maravilhas que Deus operou. Zacarias canta o que? Deus fez maravilhas. Os pastores voltam alegres louvando a Deus pelas suas maravilhas. Simeão e Ana no templo, ao ver Jesus, louvam a Deus. E nós, na Missa, louvamos a Deus pelas maravilhas operadas por ele na nossa história, na história dos nossos antepassados e sobretudo pelas maravilhas da nossa redenção.

Vamos pedir hoje a graça de enxergarmos e contemplarmos as maravilhas de Deus em todos os dias da nossa vida.

E termina o prefácio com o Santo: A primeira parte do Santo é o canto que, segundo o livro de Isaias (Is 6,3.), os serafins cantam diante do trono de Deus. E a segunda parte do Santo: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor” é o canto com que Jesus foi recebido na sua entrada em Jerusalém em cima de um jéguinto, antes da sua paixão. O Santo por isso mostra ao mesmo tempo, a divindade, a humanidade, a majestade e simplicidade de Jesus.

11. Fazei isto em minha memória.

Ontem terminamos o nosso percurso litúrgico com Santo e assim hoje vamos entrar em Jerusalém, na sala da última ceia, para celebrar a Páscoa com nosso Senhor.

Como primeiro ato tem a **invocação do Espírito Santo sobre o Pão e o vinho**, a fim de que se tornam o Corpo e o sangue de Cristo. Acontece exatamente como no dia da Anunciação: Maria perguntou: como é possível? eu não conheço o homem. E o anjo responde: o Espírito Santo descerá sobre ti. O Altíssimo estenderá sobre te sua sombra. Por isso o Sacerdote estende a mão sobre o Pão e o vinho em forma da Pomba, símbolo do Espírito Santo.

E segue **a narração da Instituição da Eucaristia** na última ceia pronunciando, aliás, repetindo, as mesmas palavras de Jesus: “Tomai e comei, este é meu Corpo..., tomai e bebei, este é meu Sangue”. E conclui dizendo: “fazei isto em memória de mim”.

Vamos para o presépio agora: Quem pode dizer com direito estas palavras se não Maria? Aos anjos, aos pastores, aos reis magos e a todos os que vieram visitar e adorar o Menino Maria diz: “tomai, este filho é da minha carne, este filho é do meu sangue”.

E São Francisco sentiu tão forte, tão profundo este mistério e sentiu repetir todos os anos fazendo o presépio para ele ver com seus próprios olhos o Menino e sua Mãe. E ele disse: “Quero celebrar a memória daquele menino que nasceu em Belém, e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi reclinado no presépio e como, estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno” (1Cel 84, 8). Assim que chegou o costume de fazer o presépio. Fazei isto em minha memória.

Não vamos perder a prática de fazer o presépio nas nossas casas. Agente é tão destrada, ao final do ano, com cansaços, com festas e confraternizações, com presentes e viagens e esquecemos o principal, o aniversariante da festa. Vamos preparar o nosso presépio, não porque ainda Jesus precisa dele. Alguém pode dizer que Jesus nasce no nosso coração, não precisa destas coisas infantis. Mas a afinidade e a delicadeza de São Francisco não tinha estes raciozinhos. Ele queria ver com seus olhos o mistério celebrado. De fato, as Fontes Franciscanas dizem que São Francisco, como era diácono, foi ler o Evangelho na noite de Natal em Grecio (e isso quando fez o primeiro presépio), e todos os que estava ai escutaram o choro da criança e o Menino que estava nas mãos de Francisco se moveu. E São Francisco pronunciava “o Menino de Belém” como o balido de

uma ovelha, enchendo a boca com a voz e, mais ainda com a doce afeição. Também estalava a língua quando falava “menino de Belém” ou “Jesus”, saboreando a doçura dessas palavras (1Cel 84). Caminhamos na estrada do Menino de Belém.

12. o uso do Corporal

Ontem falamos da Consagração do Pão e Vinho, as palavras de Jesus: “Fazei isto em minha memória e assim falamos também da devoção de São Francisco ao Menino de Belém, do presépio etc.

Hoje vamos concentrar num objeto litúrgico que pouca gente conhece e poucos prestam atenção: **é o uso do corporal na Missa**. O Corporal é aquele pano que o sacerdote estende no altar antes do ofertório, para colocar em cima o cálice e as ambulas. É um pano geralmente de tecido de lino, dobrado em forma que tenha 9 quadrados. Quando o corporal está dobrado, não aparece seu início nem fim, indicando que a divindade de Cristo não tem início nem fim, ele é eterno. O corporal fica dobrado em cima do cálice até a apresentação dos dons, desdobra para a Liturgia Eucarística e guarda dobrado após a comunhão, fazendo isso com bastante atenção e devoção, para não cair nenhum fragmento da Hóstia consagrada fora. E usa também todas as vezes que precisando colocar a âmbula fora do sacrário como quando os ministros tiram a Sagrada Comunhão para levar aos doentes. Assim também coloca desdobraado debaixo do ostensório quando faz a procissão do Corpo de Cristo ou para a adoração.

Assim também as Âmbulas e o Cálice permanecem cobertos, antigamente com pano de lino e hoje com uma pala e o corporal em cima. E as ambulas ficam fechadas até ao momento da Liturgia Eucarística e depois da comunhão ficam veladas, cobertas de novo,

mostrando assim o sagrado velado, escondido e, svelado na hora da celebração.

Tudo isso nos leva ao presépio, ao cuidado que Maria e José tiveram para com o Menino. Falam seja Mateus que Lucas: **colocaram Jesus num pano envolto na manjadora** (Lc 2,7). E este pano, segundo a tradição é de *linho*(, pois a mesma palavra que usa aqui usa também quando fala do sepultamento de Jesus: “Envolveram o Corpo de Jesus num pano de *lino*” (Lc 23,53). Por isso o corporal é também o símbolo de Sindone, pano com que cobriu o corpo de Jesus no seu sepultamento.

E a atitude de Maria diante do presépio é **silêncio, adoração e contemplação**: Pois ela sabe, ela tem a certeza, de que aquele menino não é filho de um homem, mas é o Filho de Deus esperado pelos séculos. Por isso diante deste grande mistério, ela mesmo se torna um corporal, e a única atitude diante do Menino Jesus, escondido da sua divindade, é o silêncio e a adoração. Não encontramos no Evangelho da infância Maria e José falando. Estão no silêncio completo. Vamos pedir esta graça hoje: como o corporal dobrado e desdobrado só para acolher Jesus assim a nossa vida também vamos guardar dobrado para que no tempo certo Jesus possa vir e reinar em nós e entre nós e possamos conservar a sacralidade do nosso corpo em castidade. Caminhemos na estrada de Jesus.

13. Oração de intercessão para todos:

Ontem falamos do uso de corporal na Missa. O significado de dobrar e desdobrar o corporal, o grande mistério divino e humano escondido num simples pedaço do Pão.

E hoje vamos prosseguir com a oração eucarística: Após a Consagração olha o que proclamamos: **Anunciamos Senhor a vossa**

morte, proclamamos a vossa ressurreição... ou seja, cremos na sua humanidade e na sua divindade embora são escondidas atrás do Pão e do vinho. E por isso o sacerdote, recordando a paixão, morte, ressurreição e ascensão que, oferece o Pão e o vinho. E uma vez contemplado o mistério de Cristo, o sacerdote convida a assembleia olhar para **o Corpo Místico de Cristo**, a Igreja. olhar para os demais membros deste Corpo.

Como primeiro passo, tem a **invocação do Espírito Santo sobre a assemblea**, Corpo místico de Cristo e, depois reza **intercedendo por cada membro**, começando o Papa, bispos cada fiél e chegando até aos defuntos. Aqui a Igreja celebra a comunhão entre os membros.

Olha o que aconteceu após que o Espírito Santo desceu sobre Maria: Maria **vai visitar sua prima Isabel**, pois ela percebe suas necessidades e quer socorrê-la. Pelo batismo todos nós somos membros do mesmo Corpo, cada membro tem sua função, mas ninguém é maior do que outro, cada um tem o que contribuir para o resto do Corpo. Por isso devemos rezar por todos, interceder por todos. São Paulo diz: *Comamos um só Pão, e por isso embora somos muitos, somos um só Corpo.* (1Cor 10,17). Assim como **o pão é a mistura de farinha de vários trigos**, nós somos mistura de vários membros, misturado pelo Espírito Santo no dia do nosso batismo, tornando-nos um só Corpo. Igual **o vinho, é união de várias uvas**, vários cachos e após que se tornou vinho é impossível separar uva por uva. A Eucaristia e o Povo de Deus ao seu redor por isso é **sacramento da unidade**.

E lembrar dos antepassados, dos nossos falecidos também é muito importante pela nossa fé. Pois cremos que o batismo nos une os que são vivos, os que são mortos e os que ainda virão parte do

nosso Corpo que é a Igreja. O nosso Senhor é Senhor dos vivos e dos mortos. Olha como que começa o Evangelista Mateus a narração da infância de Jesus: Começa dizendo: “*Origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão*”Mt 1,1. E depois segue a **genealogia de Jesus**, a sua descendência, a família dos seus antepassados que já morreram há anos e séculos atrás, mas fazem parte da sua história, através deles que ele chegou até aí. Por isso lembrar e rezar pelos defuntos é reconhecer a comunhão entre nós, reconhecer que o nosso Deus é um Deus dos vivos e dos mortos, é um Deus que venceu a morte, é o Senhor da história, do passado, do presente e do futuro. E Maria, Zacarias e Simeão nos seus cânticos também lembrem da promessa feita por Deus aos seus antepassados. É bom agente amar o nosso passado, contemplar as maravilhas que Deus fez nas nossas famílias, na vida dos nossos avós e antepassados.

E a grande oração eucarística conclui com grande doxologia: **Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a Deus Pai onipotente, na unidade do Espírito Santo toda a honra e toda a glória agora e para sempre.** Como falamos já nas meditações anteriores, todas as nossas orações são dirigidas ao Pai por Cristo na unidade do Espírito Santo. Ao Pai toda glória, pois ele nos deu seu Filho e ele nos enviou o seu Espírito.

14. Oração do Pai Nosso com a saudação da Paz:

Após celebrar a comunhão entre nós na Oração Eucarística agora a assembleia pode se **dirigir para a mesa da céia.** Para isso, primeiro reza, a oração do Pai nosso, reconhecendo que ele é o Pai de todos nós, e somos todos por isso, irmãos. E lhe pedimos o Pão cotidiano, o Pão eucarístico, o Perdão e a graça de não cairmos mais nas tentações. É uma decisão da vida, cada vez que rezamos o Pai

Nosso. E depois disso o sacerdote **reza pela Paz** e exorta a comunidade de **oferecer a paz**.

Olha o que foi o primeiro dom de Natal aos pastores? A paz! Os anjos cantaram **“A paz para os homens da boa vontade” Lc1,14**. Aqueles que são os filhos do mesmo Pai precisa viver em paz entre eles. Olha como as personagens ao redor do presépio se saúdam, se congratulam a Paz. Até os reis magos, os estrangeiros, colaboram para espalhar esta Paz que recebeu do Menino Jesus e assim ao voltar retomam outro caminho para evitar o mal no coração de Herodes. A Paz é a herança dos filhos que vivem em harmonia. Caminhemos na estrada de Jesus.

15. Domingo: Cordeiro de Deus e a Comunhão

Hoje vamos mudar o tema da semana lembrando trazendo em nossa memória do tema nacional do Congresso eucarístico que vai acontecer em Olinda-Recife no novembro de 2010. **“Pão em todas as mesas”**.

Ontem falamos do Pai Nosso e do abraço da Paz. E hoje vamos visitar o Cordeiro que está no altar. E antes de receber a Comunhão, reconheçamos que este Jesus foi imolado uma vez para sempre, assumindo e recapitulando em sí todo o significado do Cordeiro do AT.

No Antigo Testamento, segundo como narra o Livro de Leviticos (c.16) o dia da expiação, chamado Kipur, toda a assembleia reunida rezava e, o sacerdote recolhendo os pecados de todos colocava em cima do Cordeiro e mandava para deserto. E o cordeiro, sobre ele amarrado bastante lenha, bem pesada, simbolejando o peso dos pecados dos israelitas, se sumia no deserto. Além disso todos os dias sacrificavam muitos cordeiros no Templo de Jerusalém em modo

que fedia ao redor todo o sangue queimado do animal. Após a morte dos cordeiros, seu sangue era aspergido no altar e os animais eram então esfolados, assados e comidos pelos participantes.

Sacerdotes judaicos, usando roupas feitas especialmente de branco, tocavam trombetas de prata e cantavam salmos, enquanto o ritual estava acontecendo. Agente vê que desde o tempo de Caim e Abel, no tempo de Abraão, no tempo dos patriarcas e até a vinda de Jesus, aliás até ao ano 70 d.C, em que foi destruído o templo de Jerusalém, praticavam essas oferendas de Cordeiro. Chegou Jesus e cessou todos os sacrifícios de até então. João Batista apresentou Jesus aos seus discípulos, já no primeiro dia da sua vida pública: *“Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo”*. São as mesmas palavras que usamos na Missa. Como diz na carta aos hebreus, não precisa mais outros sacerdotes nem cordeiro, pois, ele, uma vez para sempre, derramou o sangue e entrou no Santuário de Deus (Heb 9).

Na Santa Comunhão vamos receber o Pão e o Vinho, vamos receber o Cordeiro imolado, mas ressuscitado. É uma linguagem simbólica, mas cheio de significado. Ele é a remissão dos nossos pecados, ele é, o único que tem o poder de perdoar os pecados. E então a assembléa responde com as palavras de Centurião a Jesus: *“Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizeis uma só palavra e eu serei salvo”* (Lc 7,6).

Agora vamos para o **presépio**: Jesus, o Cordeiro nasceu aonde? Num curral de gado. Quem veio visitar por primeiro este Cordeiro? Os cordeiros com seus pastores. Os pastores reconheceram o cheiro deste Cordeiro, agora não precisa mais eles colocarem separado o melhor cordeiro para o sacrifício. Cessou todos os sacrifícios. Jesus já no seu primeiro choro se ofereceu à humanidade

o seu corpo e o seu sangue. Agora aproveitar só, o Cordeiro que está no meio de nós.

E o Pão Eucarístico não somente é o Cordeiro que tira o pecado, mas também é o Pão que nos oferece **a vida eterna**. *Quem comer deste Pão viverá eternamente* (Jo 16). No cap. 3 de Geneses, a serpente disse a Adão e Eva: *se comereis não morreris* (Gen 3,4). Mas entrou na história a morte, a vida distante de Deus, e até o barulho dos passos de Deus começou a suscitar o medo neles. Aqui o Pão do Céu, fruto da árvore onde foi pendurado o Novo Adão, nos garante *de verdade a vida eterna* e é uma **árvore da vida** que produz doze frutos, dando cada mês um fruto, servindo as folhas da árvore para curar as nações (Ap 22, 2).

E além da vida eterna o Pão Eucarístico nos **dá a ciência**, o conhecimento: Lá em Geneses 3, a serpente prometeu o conhecimento de Deus, “vossos olhos se abrirão, sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal“ (Gen 3,5), mas perderam tudo, tornaram cegos e não conseguiram enxergar nem o próprio marido ou a sua mulher. Começaram apontar o dedo reciprocamente. Aqui Jesus prometeu o conhecimento. Na última ceia Jesus disse: Não vos chamamos servos, mas amigos, pois os servos não conhecem o pensamento do mestre; chamei-vos amigos, pois **vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai**(Jo15,15 **A comunhão eucarística nos dá a sabedoria divina**).

16. A Santa Comunhão e o Silêncio na Missa

Eis aqui, “o pão em todas as mesas”.

Sim, tem o Pão, comungamos o suficiente, pois Jesus deu o Pão para todas as mesas. Este Pão é um Pão que tem todos os sabores, . “*Do Céu lhes destes o Pão que contem todo sabor*” (Sb

16,20), contendo em si todas as delícias e adaptando-se a todos os gostos e é sinal da doçura do pai aos seus filhos . Por isso vamos rezar hoje especilmente pelos sacerdotes, pela santidade e fidelidade deles, pois sem sacerdote vai faltar o Pão em todas as mesas. São Francisco dizia: se eu encontrar um anjo e um sacerdote, primeiro vou beijar as mãos do sacerdote, pois pelas mãos dele vem o Pão do Céu na mesa do altar”.

E na hora da comunhão ao receber este Pão *que contem toda sabor*, nós respondamos: “Amém”, assim seja. Que seja delicia para nossa alma.

Quem comungou por primeiro? Maria. Quem abriu primeiro a porta do coração para Jesus? Maria; e quem deu o primeiro leite materno e os primeiros beijos a Jesus? Maria. Maria carregou por nove meses no seu ventre aquele Pão descido do Ceu, e após a ressurreição de Jesus, quando ela estava com os discípulos, obedientes às palavras do Senhor, com certeza celebraram a eucaristia e Maria também comungou o Pão da vida eterna, o corpo do seu Filho agora em Sacramento.

E assim ao redor do Presépio acontece a comunhão: Com certeza, assim como nós, quando vamos visitar um menino recém-nascido, agente pega a criança, beija e dá o amor e carinho e faz dos comentários. Quem sabe quanto amor, beijo, carinho deram os pastores, os reis magos, os vizinhos a Jesus!

A Sagrada Comunhão, para muitos santos, era **o beijo de Deus na sua alma**.

Dizia **Charles de Foucauld**: “Na Sagrada Comunhão, Deus entra em nós, corporalmente; tocamos com nossa boca o Corpo de Jesus, como o tocaram os lábios de Maria, de José, de Madalena; entra em

nós como ele repousou no seio de Maria; Ele se une a nós pelo mais casto dos matrimônios, chegando a ser o Divino Esposo das nossas almas, dando-se, entregando-se, abandonando-se para que possamos possuí-lo e amá-lo no tempo e na eternidade. A Eucaristia é Jesus Menino estendendo-nos os braços em seu berço para se oferecer a nós e pedir-nos um beijo...”

E **Sta Tereza d’Avila** dizia comentando a expressão do livro de Cantico dos Canticos: “Beije-me com o beijo de sua boca” que essa é uma graça tão grande, que a alma mal pode suportar estar assim tão próxima de seu Senhor, tendo a certeza de que ele a ama”.

Dizia **Sta Terezinha** lembrando do dia da sua Primeira Comunhão: “Ah! Como foi doce o primeiro beijo de Jesus à minha alma”. Foi um beijo de amor, sentia-me amada e dizia também amo-vos, dou-me a Vós para sempre...”. Momento profundo, marcante para seu coração de criança que se sentia inundado pela presença de Jesus.

17. O Silêncio e o Canto na Missa

Ontem falamos da Sagrada Comunhão, falamos do beijo de Jesus e o beijo que ele espera de nós. Hoje vamos falar de dois momentos opostos que vivamos na Eucaristia: **o silêncio e o canto**. Temos durante a Missa alguns momentos de silêncio, breve e mais duradouro. São dois momentos de breve silêncio: **na hora do Ato penitencial e na hora após a homelia do Sacerdote**. E são dois momentos de profundo silêncio: **na hora da consagração e na hora após a Comunhão**. Infelizmente em muitas nossas Igrejas, durante a celebração, não existe mais o silêncio, não sabe mais ficar sem música, sem oração, não sabe mais entrar na intimidade com Deus, encontrar-se sozinho com ele.

Vamos aprender da escola do presépio: **Temos um grande silêncio ao redor do presépio:** Maria e José só meditavam tudo no seu coração, Diz o Evangelista: “Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em sí (Lc 2,19); Nem José, nem Maria não pronunciem nenhuma palavra como falamos já uma vez. Zacarias ficou mudo por 9 meses(Lc 1,22); Isabel por cinco meses ficou escondida, só meditando as maravilhas de Deus acontecido na sua velhice (Lc 1, 23); E João de Batista que nasceu seis meses antes, também se retirou no deserto (Lc 1,80).

Diante de tão grande mistério da Eucaristia, a Igreja nos ensina, o presépio nos ensina, de nos pararmos e pensarmos, evitando a tendência de falar sempre, mas escutar sempre o que ele quer nos falar. Para escutar e maravilhamos precisa de silêncio.

Do outro lado temos nas nossas celebrações eucarísticas **os cantos**, são **expressões da alegria e celebridade**, e não precisa estarmos com cara fúnebre na Missa, como dizia o nosso Papa Francisco. Temos os cantos próprios: *o Glória, o Credo, o Santo, o Pai Nosso e Cordeiro* e que não devem ser trocadas as palavras, pois são Palavra de Deus e fazem parte da doutrina da Igreja. Outros cantos podemos ser cantado segundo a festa litúrgica celebrada naquele determinado dia. Com tudo devem ser suaves e ajudem a rezar os demais membros da comunidade.

Vamos agora aprender **a cantar com as personagens do Natal: Maria e Isabel**, naquele encontro, **cantam** o Magnificat suavemente, sem barulho, contemplando as maravilhas de Deus. Não tinham outros assuntos no canto delas. **Zacarias canta**, mas usando a Palavra de Deus. **Simeão e Ana cantam**, pegando e abraçando o menino Jesus. **Os anjos cantam**, os pastores cantam e até quem sabe, os animais que estavam aí também cantavam. Mas os cantos deles

eram uma proclamação das maravilhas de Deus, saídos do fundo do coração de cada um, *um canto envolvido de silencio e contemplação!*

18. Bênção final. Ide e Anunciai o Evangelho.

Hoje vamos para a parte final da Missa: a bênção e a despedida.

Retoma a saudação inicial, confirmando a presença de Emanuel no meio de nós. O sacerdote diz: **O Senhor esteja convosco**. E nós respondamos: *Ele está no meio de nós*. Viu **4 vezes**, no início, no Evangelho, na Oração eucarística e agora aqui, cada parte da Missa começa com esta afirmação da presença de Jesus ressuscitado no meio de nós. Exatamente porque o seu nome é o Emanuel-o Deus conosco, conforme as palavras do anjo a José no momento de nascimento (Mt 1, 23) e ele mesmo confirmou antes de subir ao céu aos apóstolos: Eu estarei convosco até o fim (Mt 28,20). São as últimas palavras de Jesus.

E depois com a bênção final invocando o nome das três pessoas da santíssima Trindade, o sacerdote ou o diácono diz: **Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe**.

Vamos ver agora como que os que vieram encontrar com Jesus no **presépio voltaram para suas casas**: Os pastores, “*vendo-o contaram o que lhes fora dito a respeito do menino. E todos os que ouviam ficavam maravilhados com as palavras dos pastores*” Lc 2,18; E no v. 20 diz que “*os pastores voltaram, glorificando louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme lhes fora dito* (Lc 2,20). Após o encontro com Jesus, após de ter abraçado e beijado aquele menino, Simeão deseja de se despedir deste mundo em paz, pois seus olhos viram a salvação, e é satisfeito pois, vendo Jesus, abraçando-o não tem mais nada ainda neste mundo esperar ou

degustar (Lc 2,2932). Nele, naquele menino, estava a plenitude do bem. E Ana, após de ter visto o Menino no Templo, *agradecia a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém*” (Lc 2, 38).

Então como vimos, até ao final da Missa, temos que aprender da escola do Presépio para participarmos melhor a Santa Eucaristia. A nossa missão após a celebração é exatamente o que fizeram há 2 mil anos atrás a partir do presépio: **com alegria anunciar o Evangelho a todos os que encontramos**, a todos os que não tem ainda uma esperança. O anuncio depende da nossa vivencia com o mistério. Quem não é preenchido dele, quem vai para Missa só para cumprir a lei, o preceito, não vai ter animo nem vontade de anunciar. Mas na medida que adentramos no mistério, na medida que é forte e profunda a nossa experiência, sem querer, sem esperar para alguém nos falar, agente anuncia. E anuncia com alegria.

A chave da leitura, segundo o Concilio Vaticano II, para entendermos melhor a beleza e a perfeição da Igreja é exatamente: **mistério, comunhão e missão**. Somos a Igreja quando **o Mistério celebrado, Comunhão vivido** entre os irmãos e **Missão anunciado** do que celebrou e vivenciou. Assim chega o Pão em todas as Messas!

19. Adoração Eucarística

Até ontem falamos sobre cada parte da Eucaristia à luz de Natal. Hoje vamos entrar para adoração. Nós cremos que Jesus está presente no Pão consagrado fora da celebração também e, por isso, nós o adoramos, nós o levamos para os doentes. Na linguagem humana **o amor perfeito é olhar nos olhos**, sem palavras. **Na contemplação as palavras e gestos caiam**. Assim como quando olhamos um por do sol, melhor permanecer em silencio e contemplar do que falar ou comentar coisas. No amor de um casal o amor

perfeito é olhar nos olhos, pois as palavras podem limitar as emoções e os sentimentos. Assim, diante do mistério de Jesus: após de ter ouvido, comungado agora é **momento de ec-staciar-se.** ´

Vamos para o presépio: **Maria meditava tudo no coração.** Não sei se vocês conhecem, aqueles ícones de Maria Santíssima que tem **olhos grandes e fixos em Jesus menino** que está nos seus braços. É exatamente expressar este estado de ecstase, estar fora de si, mas mergulhado dentro do Menino. È esta, a experiência que devemos e podemos fazer diante do Santíssimo Sacramento. Infelizmente tem gente que não sabe silenciar, se não tem canto ou oração a voz alta, parece que não está rezando. Mas se vamos ao presépio, se queremos aprender da escola de Maria, o silencio e a meditação é o melhor caminho.

Jesus mesmo, após a apresentação no templo, que foi 40 dias depois do nascimento (Lev.12, 2-8), tem **uma vida oculta em Nazaré:** “Terminando de fazer tudo conforme a Lei do Senhor, voltaram à Galiléia para Nazaré, sua cidade. E o menino crescia, tornava-se robusto, enchia-se de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele” (Lc 2,39-40). Na medida que estamos ocultos com Cristo, enchemos de sabedoria e de graça.

Os reis magos, que não eram do Povo Israel, não conheciam a Sagrada Escritura ou as palavras dos profetas. Mas perceberam, no sinal de uma estrela, a presença de um rei. Talvez ouviram falar de alguém, naquele pequeno sinal, *se levantaram, se juntaram, e chegaram para adorá-lo* (Mt 2,2). No entanto, o seu Povo que estava lá na cidade não o conheceram, não o reconheceram, não tiveram tempo nem vontade de sair das suas casas e ir para adorá-lo. Acontece isso muitas vezes nas nossas Igrejas. Quem mora mais perto da Igreja, muitas vezes não vai para Missa, não tem tempo para

dedicar-se cinco minutos com Jesus. Ou, quem é muito protagonista na Igreja, que está na frente de tudo, organizando, negociando etc. mas não tem tempo para estar em silêncio um minuto diante do Santíssimo Sacramento. São os perigos que existem no caminho da nossa fé. No céu, vai cessar todas as nossas atividades, estaremos só adorando e contemplando Deus, olhos a olhos.

20. Procissão Eucarística (Levando Jesus).

Hoje vamos falar de um outro aspecto em relação à Eucaristia que é a **procissão eucarística**. É uma prática religiosa que temos na Igreja desde Idade média, a partir do milagre eucarístico acontecido numa cidade da Itália chamada Orvieto. A procissão é **levar Jesus da Igreja para as estradas**, manifestando a nossa fé num Pão aparentemente simples e pobre, mas é Deus mesmo, sinal de um Deus que caminha conosco.

Quem foi a primeira que levou Jesus em procissão pelas estradas e montanhas? Foi Maria. Apenas ouviu do anjo que sua prima Isabel estava grávida, logo Maria se coloca em caminho, mas já com Jesus no seu ventre que se transformou em primeiro Ostensório e primeiro Tabernáculo.

E apenas vê Maria, Isabel canta: *Quem sou eu a mãe do Senhor veio me visitar?* (Lc 42-44) E as crianças que estavam nos seus ventres se pularam de alegria.

Primeiramente quando nós vamos para nossas casas, após a comunhão estamos levando Jesus nos nossos lares. Nós nos tornamos o ostensório, igual como Maria na casa da sua prima Isabel. Em nós está Jesus.

Vocês sabem que na Índia, as pessoas saúdam com mãos juntas dizendo: “Namaste”: e isso independente da idade, sexo ou horário:

É uma palavra de profundo significado, reconhece no outro a presença de Deus. *Saúdo o Deus que está em você.* Por isso que a saudação faz com mãos juntas em forma da oração. Saúda a presença divina que está oculta naquela pessoa. Reconhece em cada pessoa a presença do divino que está no além da aparência.

Nos nossos encontros quando nós nos transmitimos Jesus através um sorriso, um abraço, uma acolhida e então estamos levando em procissão Jesus. E se até as crianças que estavam no ventre das mães se sentiram, se pularam significa que a presença de Deus em nós é capaz de penetrar até a outra geração. Belo!

21. Peregrinação: ao encontro de Jesus

Ontem falamos da Procissão. Hoje vamos falar de Peregrinação. A procissão é sair da Igreja e ir pelas estradas do mundo, e a peregrinação é **ir para a Igreja, em direção à Igreja.** Assim como os reis magos vieram Mt 2,1-2, os pastores vieram e os vizinhos vieram para congratulr Jesus. Os magos perguntaram: *onde está o rei? Viemos para adorá-lo.* Os pastores falam: *“Vamos até Belém”* Lc 2,15 e os vizinhos *“foram com grande pressa”* Lc 2,16.

Antigamente nos domingos pela manhã agente via nas ruas o povo andando para a Igreja, hoje em dia tem poucas pessoas andando em direção à Igreja. Muitos preferem ficar dormindo, ou passear, pois é feriado. Olha os pastores, a noite, apenas ouviram, foram com grande pressa. Eles também trabalharam durante o dia.

Quantos de nós ainda hoje falam como os pastores: *vamos até Belem, vamos até Igreja?*. Este *“vamos”* é palavra inspiradora, instiga aquele que tem preguiça para levantar-se. Algumas vezes só porque o amigo chamou ir para Igreja e por isso foi. Mas acontece grande vira volta na vida. Há dois anos atrás, numa entrevista com

um jovem que estava se preparando para a crisma, escutei exatamente isso. Ele não era católico, não frequentava nenhuma igreja, alguma vez por curiosidade ou porque algum amigo o chamou e assim foi numa igreja protestante. Mas era um homem gnóstico. É um menino universitário que tem uma certa cultura. Um dia, durante o novenário da Nossa Senhora das Candeias, um amigo dele lhe convidou para Missa, lhe falou “*vamos*” e a experiência que ele teve na Missa, ouvir a homilia, foi inexplicável e ele hoje é um fiel que experimenta o amor de Deus. Um simples “*vamos*” com *alegria* e com *entusiasmo* pode até mudar a vida toda de alguém. E assim estas pessoas podem repetir a sua vez as palavras de Isabel: *Como posso merecer que a mãe do meu Senhor me venha visitar?*

22. De ti há de sair o Deus

Hoje, domingo, dia do Senhor, Pão em todas as mesas! Vamos acordar cedo para ir para Missa? Já estamos perto de Natal, hoje último domingo de Advento.

Estamos indo para final da nossa caminhada eucarística ao redor de Natal. Hoje vamos ficar no primeiro versículo da primeira leitura deste IV Domingo e no refrão do Salmo:

“Tu, Belém de Éfrata, pequenina entre os mil povoados de Judá, de ti há de sair aquele que dominará em Israel; sua origem vem de tempos remotos, desde os dias da eternidade”. Miq 5,1.

O que significa isso. Deus preparou esta família, esta cidade de Belém desde o tempo antigo embora ela é pequena e simples, pois daqui vai nascer o Filho de Deus. “De ti há de sair aquele que dominará em Israel”.

De ti há de sair: A palavra de Deus fala para cada um de nós: *de ti há de sair Deus!* Você deve tornar-se mãe de Jesus, você deve

tornar-se filho/a de Deus, você deve tornar-se a esposa do Espírito Santo. Assim de ti há de sair Deus!

São Francisco d Assis na carta a todos os fiéis escreveu exatamente isso: nós somos *mães, esposos e filhos da Santíssima Trindade*, assim como Maria foi: somos **filhos do Pai e irmãos de Jesus**, quando fazemos a vontade do Pai através as nossas obras. A segunda leitura de hoje: “Eis venho Senhor fazer com prazer a vossa vontade” (Heb 10,9); Somos **esposos/esposas do Espírito Santo**, quando pelo Espírito Santo nossa alma se une à alma de Jesus Cristo, e **Mães**, quando carregamos Jesus em nosso coração com amor divino e praticamos tudo com consciência pura e sincera; e o damos à luz pelas santas atividades, que deve iluminar os outros com o exemplo.

E a nossa responsabilidade em transmitir a fé aos nossos filhos, sermos os astros, a fim de que pelas nossas boas obras e pelo testemunho da nossa fé, os nossos filhos possam chegar ao conhecimento de Cristo. Não deixamos faltar o Pão para eles. Pão em todas as mesas. Para isso durante o dia de hoje vamos repetir várias vezes o refrão do Salmo de hoje: *Iluminai a vossa face sobre nós, convertei-nos para que sejamos salvos!*

23. Benedictus: “a mão do Senhor estava com ele”!

Estamos já na vigília de santo Natal, por favor não vai não, hoje para interior onde não tem Missa, onde não tem o Pão do Céu que contem todo sabor. Antes de dar os presentes de Natal aos outros vamos receber o maior presente que Maria Santíssima quer nos oferecer: Jesus. Ele é o grande presente esperado por séculos, pelos nossos antepassados e chegou nas nossas mãos. Por isso vamos receber este presente por primeiro, saborear primeiro o Pão de

Belém, o Pão dos anjos, o manjar divino que contem todo sabor e depois vamos passear.

Olha o que é o Evangelho de hoje: Zacarias canta o Benedictus, pois nasceu o João Batista, o precursor de Jesus e, os pais, Zacarias e Isabel, foram para o Templo para apresentar o Menino e colocar o nome. Era costume em Israel apresentar o Menino ao templo após 8 dias de nascimento. Nas nossas Igrejas tinha o costume de batizar a criança após 8 dias de nascimento, se não acontecer algum imprevisto. Ainda na Índia é assim. Nós todos fomos batizados após 8 dias de nascimento. Por isso é fácil saber a data do Batismo e no dia Batismo que coloca o nome. Ou seja, pelo Batismo adquirimos a nossa identidade de ser filho de Deus e vivamos com esta identidade de ser católico ou não. Assim, Zacarias chegando no Templo, ainda mudo, ao colocar o nome os parentes lhe perguntaram, qual o nome deve lhe dar. Pois era direito do pai dar o nome à criança e era de direito pegar o nome de algum dos parentes ou dos avós.

Perguntaram-lhe por meio dos sinais, com fibras, qual nome lhe colocar e, ele pediu uma tábua para escrever, e enquanto estava escrevendo “seu nome é João” se lhe abriu a boca, a língua se desatou e começou a falar bendizendo a Deus. E assim entoou o cântico que vamos ouvir na Missa de hoje. Olha o milagre que ele recebeu através do filho!

Quantos pais hoje em dia não querem levar os filhos para a Igreja, não querem dar o batismo, não se preocupam com a caminhada da fé dos filhos. Na medida que são de Deus as graças multiplicam nos pais. Não só na vida dos pais, mas na vida dos vizinhos e de toda região (Lc 1,65-66). O texto termina dizendo: “*a mão do Senhor estava com ele*”. Se queremos que a mão do Senhor

esteja com nossos filhos vamos já inserir-lhes no coração de Deus, no coração da igreja.

24. A Alegria do Evangelho da infância

Chegamos ao final, ao nosso presépio. Agora o que resta é assumir o nosso lugar: pode ser o lugar de um dos pastores, dos magos, dos vizinhos, estar junto com Maria e José, estar junto com Ana e Simeão.

Importante é que nestes dias, até dia primeiro, em que celebramos a oitava de Natal, cada dia celebramos o Natal, é como se fosse um só dia, celebramos para oito dias este grande dia.

Oitavo dia é símbolo da eternidade. Começamos já aqui na terra, a nossa eternidade: na contemplação, na adoração, no estupor, no silêncio, na alegria, anunciando e proclamando e cantando. Estes dias que vão seguir é cheia de teologia natalina:

Amanhã celebraremos a **feira de Santo Estevão**, o primeiro cristão nascido no Céu, e depois celebraremos no dia 27 a **feira de São João**, o discípulo amado, que entendeu o grande mistério da Encarnação e escreveu na linguagem mais alta e misteriosa expressando: “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós”. O Verbo, a Palavra criadora de Deus, nasceu e recriou tudo, redimindo tudo, reconciliando tudo para Deus Pai. E depois no dia seguinte celebraremos o **martírio das crianças inocentes**, crianças que morreram por causa de Jesus, crianças inocentes que antes de conhecer Jesus deram a vida por causa dele. E em fim no domingo que vem, oitavo dia de Natal celebraremos a **solenidade da mãe de Deus**.

Assim começamos o primeiro dia do ano civil, consagrando todos os dias do nosso ano novo, no manto materno de Maria, pois ela que nos

deu o Pão do Céu que contem todo sabor e, que não vai fazer faltar nas nossas mesas o pão cotidiano, e se faltar, ela sabe interceder como fez nas bodas de Canã.

Há dois mil anos atrás Ele nasceu assumindo a carne e o sangue de Maria. Após a ressurreição Ele quis permanecer entre nós no simples Pão e Vinho, no formato sacramental, única forma com que ele pode estar presente em todos os lugares e em todos os tempos.

Por isso São Francisco disse: Assim como ele veio no útero de Maria, hoje vem no altar pelas mãos do sacerdote. Os apóstolos olhando para aquele *Jesus homem* perceberam que ele era o *Verbo feito carne Jesus Deus*, que veio habitar no meio deles. Assim atrás do veu do Pão e o Vinho tem o Corpo e o Sangue de Cristo ressuscitado.

Em Belém se escondeu a divindade, e no Pão ainda mais. Por isso mesmo precisamos **o dom da fé que vem do alto**: Jesus disse: não foi nem carne nem o sangue que te revelou, mas o meu Pai. Não porque alguém falou para nós, mas Deus mesmo nos deve dar o dom da fé para acreditarmos. São João diz no seu Evangelho: "Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus." (Jo 1,10-13). Sim, "Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça." (Jo 1, 16).

Alégra-te Maria, disse o anjo a Maria e hoje a Igreja oferecendo nos a Eucaristia diz-nos: alegra-te Joice, alégrai, Litty, Teresa, Beena, Eemily, Luzia alégrat-ti, o Senhor é contigo. Cada

um sintá-se ser chamado por nome! Por isso vamos passar de presépio para o altar. Amém.

Ir.Joice Korattiyil

Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares

E-mail: joiceitfr@gmail.com